

Fotografia e memória: eventos religiosos que compõem a identidade cultural em Ji-Paraná/RO¹

Photography and Memory: Religious events that make up the cultural identity in Ji-Paraná/RO

*Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira**

Resumo

Considerando a religiosidade como mecanismo de construção cultural e os álbuns fotográficos como representações da memória social e coletiva, este estudo compreende uma ação de leitura de imagens de eventos religiosos que ocorreram em diferentes momentos da constituição histórica do município de Ji-Paraná/RO. As imagens carregam em si marcas de um tempo vivido, de um tempo religioso munido de significação, marcado pela confluência de perspectivas temporais, espaciais e sociais. Considerando esse pressuposto, a presente pesquisa se valeu do aporte teórico de Panofsky (1979), Barthes (1982) e Kossoy (2002) para leitura dos elementos visuais a partir de conceitos fundamentados na teoria da imagem. Para o desenvolvimento da análise de conteúdo, buscamos subsídios em Bardin (1979), que, em sintonia com conceitos de memória, representação e história social, dispostos nos estudos de Halbwachs (2006), Chartier (1990), Durkheim (1989), Bourdieu (1989), entre outros, permitiu análise qualitativa de eventos religiosos formadores da identidade cultural no município.

Palavras-chave: Fotografia. Memória. Identidade Cultural. Eventos Religiosos.

Abstract

Regarding religiosity as a cultural construction mechanism and photo albums as representations of social and collective memory, this study comprises a reading action of religious events images that took place at different times of the historical process of the city of Ji-Paraná/RO. The images bear in them marks of a period of live experiences, of a religious time armed with significance, marked by the confluence of temporal, spatial and social perspectives. Given this assumption, the present study has made use of the theoretical framework of Panofsky (1979), Barthes (1982) and Kossoy (2002) for reading the visual elements from concepts based on image theory. For the development of content analysis we have sought subsidies in Bardin (1979), which, in line with concepts of memory, representation and social history, and arranged in the studies of Halbwachs (2006), Chartier (1990), Durkheim (1989), Bourdieu (1989) among others, allowed qualitative analysis of religious events shapers of cultural identity in the city.

Key-words: Photography. Memory. Cultural Identity. Religious Events.

* Mestre em História e Estudos Culturais na Universidade Federal de Rondônia – UNIR, professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, *campus* Ji-Paraná, membro do grupo de pesquisa GELLIC – Grupo de Estudos em Leitura, Linguagens e Identidade Cultural. Email: monica.oliveira@ifro.edu.br.

Considerações iniciais

A associação da concepção de cultura ao contexto religioso é a melhor maneira de compreender as crenças e as expressões de devoção dos grupos sociais. O estudo das manifestações do religioso permite a compreensão de dimensões econômicas e políticas, das estruturas hierárquicas, dos laços sociais em grupos heterogêneos e de contextos históricos distintos. Além disso, as identidades constituídas e amparadas no ambiente religioso remetem à ideia de memória, utilizada no sentido de relembrar experiências do passado.

Segundo Halbwachs (2006), a ação individual de lembrar está incorporada aos grupos de referência de que o sujeito participa, uma vez que a memória é constituída dentro de uma perspectiva coletiva. Em outras palavras, a constituição da memória individual é uma combinação de memórias dos grupos dos quais o sujeito participa e de que sofre influência. Na situação investigada, a memória é percebida como resultado de uma tradição socialmente estabelecida, de uma identidade construída pelo interesse pessoal do indivíduo na ação religiosa, como um agente histórico, que produz ao buscar a sua autorrealização.

As tradições funcionam como um guia do discurso religioso, informando como e a partir de que elementos as manifestações religiosas se desenvolvem, desempenhando a função de fio condutor da prática religiosa. As tradições são frutos de reconstruções geradas pela necessidade.

Além disso, segundo Durkheim (1989), a religiosidade é um mecanismo que promove autocontrole nos indivíduos. Para ele, os ritos e cerimônias próprios do ambiente religioso são úteis para manter união, coesão social e reafirmar valores. Nessa direção, o conceito de representação defendido por Chartier (1990) se torna útil nesta pesquisa, na medida em que empregamos a classificação e a delimitação das realidades construídas pelos grupos sociais para compreendermos as práticas identitárias como maneiras de ser e estar no mundo, guarnecidas de significados simbólicos. Para esse autor, as formas institucionalizadas, entre elas, as religiões, são mecanismos por meio dos quais pessoas ou grupos tornam-se visíveis, multiplicam e eternizam sua existência como grupo, comunidade ou nação (Chartier, 1992, 1995, 1990).

Em meio a estas observações, este estudo faz uso de documentos fotográficos, provenientes de álbuns de família de moradores do município de Ji-Paraná/RO, que migraram em diferentes momentos da constituição histórica da

localidade. Entendemos a constituição dos álbuns de família como representações, um certificado de presença, que exhibe elementos identitários produzidos socialmente.

As imagens fotográficas produzidas e acumuladas ao longo do tempo, frequentes em acervos de arquivos, museus e bibliotecas ou até mesmo nos álbuns de família, constituem-se em bens documentais. São documentos de extrema importância, pois:

Sabemos que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente a partir de metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias da vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário como do mais recente. (Kossoy, 2002, p. 133)

A leitura da fotografia, a partir dos comentários provocados pelas recordações e pela revivescência fomentada, constitui uma das matérias-primas do conhecimento pertencente à composição social da realidade. As fotografias utilizadas nesta análise fazem parte do banco de dados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO – *campus* Ji-Paraná, obtidas por meio de pesquisas acerca da realidade histórica do município, provenientes de álbuns de família.

Para este estudo foi realizada uma seleção de imagens relacionadas ao ambiente religioso do município, que por sua vez foram catalogadas e classificadas. Além dos documentos fotográficos, fizemos uso de entrevista semiestruturada, o que possibilitou o aprofundamento das questões identificadas no material iconográfico. Dividimos os sujeitos da pesquisa em dois grupos de entrevistados: fiéis e líderes religiosos, compondo um total de 20 entrevistas. Os fiéis foram selecionados por compor um grupo de sujeitos da pesquisa, que colaboraram no fornecimento dos documentos fotográficos utilizados. E os líderes religiosos contribuíram, como intermediários, no entendimento das práticas religiosas registradas no material fotográfico. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, utilizamos a sigla *FI*, significando o termo *Fiéis* e *LR*, significando *Líder Religioso*, seguida de uma numeração, utilizada para nossa identificação dos participantes.

Com o volume de informações alcançado, buscamos incrementar um modelo de análise que colaborasse para a compreensão do problema investigado

e proporcionasse interações entre o referencial teórico e o material empírico compilado, de modo a interpretá-lo com maior coerência e consistência. Assim, para a interpretação do material coletado, tomamos como orientação a análise de conteúdo recomendada por Laurence Bardin, que se define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (recepção/variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1979, p. 42)

Também fizemos uso de referências ligadas à teoria da imagem para interpretação das fotografias, especialmente os estudos de Panofsky (1979), Kossoy (2001, 2002, 2007) e Barthes (1982,1984).

A teoria proposta por Panofsky (1979) nos auxiliou na compreensão e na interpretação da imagem fotográfica, a partir de níveis de descrição por ele denominados nível iconográfico e nível iconológico. Enquanto o nível iconográfico se ocupa da descrição genérica dos objetos e das ações representadas pela imagem, o nível iconológico procura identificar o significado intrínseco ao conteúdo da imagem.

Da mesma forma, os conceitos orientados por Roland Barthes (1984) permitiram uma metodologia de interpretação fotográfica, caracterizada pelo *Studium* e *Punctum*². O primeiro se refere a toda informação cultural, social e histórica que uma fotografia evidencia e o segundo leva em consideração as emoções despertadas pela fotografia, a sensação de pertencimento que desadormece.

Assim, permeado por essas abstrações, este estudo promove uma desconstrução do signo fotográfico, por meio de informações de elementos da fotografia, também propostos por Kossoy (2002).

O escopo teórico utilizado nesta análise conduz a compreensão sobre a dinâmica intrínseca na dimensão fotográfica enquanto mecanismo de valorização da memória, de leitura histórica, social e religiosa. A abordagem está pautada no dinamismo cultural que a sociedade propicia para acondicionar os grupos sociais que migraram de diferentes partes do país para o município de Ji-Paraná/RO.

O estudo volta o olhar para além das aparências das manifestações religiosas promovidas na constituição histórica do município, tentando entender

como os eventos estavam diretamente ligados à dinâmica interna das instituições. Com isso, procuramos evitar a tendência de se tratar as atividades culturais ligadas à religiosidade como simples folclore, e sim, com a finalidade destacar os aspectos políticos, sociais e, sobretudo, culturais.

A partir dessas considerações, acreditamos que o presente estudo seja relevante, na medida em que levanta reflexões e discussões que podem contribuir para ativar a consciência coletiva sobre identidade e a importância da preservação da memória.

1. Eventos religiosos retratados na memória e identidade dos ji-paranaenses

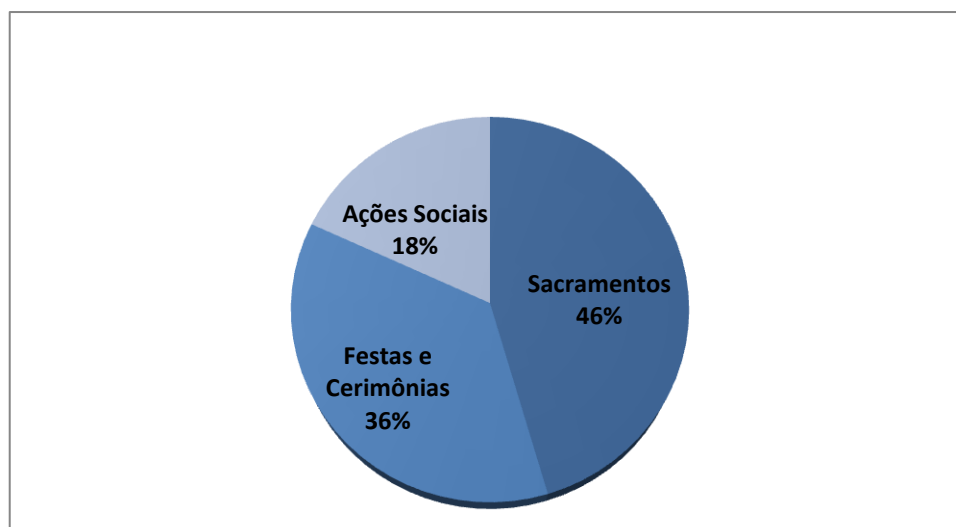
Algumas festividades, como a festa do padroeiro, o natal, cerimônias, cultos e ritos de sacramentos, como o batismo, a eucaristia e o matrimônio, constituem elementos significativos na memória dos fiéis e passam a compor sua identidade. Durkheim (1996) defende que as cerimônias e os ritos possuem um papel fundamental na coletividade, pois adicionam movimento às celebrações, aproximam os fiéis e ampliam as relações. Seu interesse pela religião está relacionado aos sentimentos e às afinidades que os indivíduos criam entre si, por meio dos rituais e dos símbolos provenientes da fé, que são para ele a base de representação e de classificação coletivas.

Lugares, pessoas e objetos passam a constituir elementos da tradição religiosa, que produzem a memória coletiva. As tradições funcionam como um guia do discurso religioso, informando como e a partir de que elementos as manifestações religiosas se desenvolvem, desempenhando a função de fio condutor da prática religiosa. Nesse sentido, Halbwachs considera que determinados elementos religiosos são fixadores de tradições. O autor observa que: “Uma verdade para se fixar na memória de um grupo deve apresentar-se sob a forma concreta de um acontecimento, de uma figura pessoal ou de um lugar” (Halbwachs, 2006, p. 124). Por conseguinte, como forma de expressão das sensibilidades religiosas, a fotografia, tanto apresenta quanto representa as formas como cada grupo social vivenciou as cerimônias e ritos da vida religiosa.

Guardada em álbuns familiares e servindo como mecanismo de lembranças de um tempo que não volta mais, as fotografias escondiam um tesouro nas gavetas das cômodas de pais e avôs (migrantes, colonizadores). Assim, as fotografias aqui reproduzidas evidenciam riqueza de detalhes e

informações. Como forma de categorização, dividimos os eventos analisados em três ordens: Sacramentos, Festas/Cerimônias e Ações Sociais. Entre o material fotográfico analisado, há maior ocorrência de fotografias ligadas aos sacramentos cristãos, seguidas de fotografias de festas ou cerimônias religiosas e, por último – e não menos importante –, ações voluntárias de cunho social e caridade, conforme mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Percentual de Fotografias de Eventos divididos em subcategorias



Fonte: Banco de dados da autora (2015).

Os eventos classificados neste estudo derivam das práticas religiosas que os ji-paranaenses utilizavam e ainda utilizam para professar suas crenças. Todas essas práticas estão representadas por documentos fotográficos, que guardam um referencial rico tanto para a compreensão identitária dos indivíduos como para a reconstituição de fatos históricos.

2. Sacramentos

O termo “sacramento” é usado para caracterizar práticas rituais adotadas por religiões cristãs, especialmente pela Igreja Católica Apostólica Romana. São considerados sinais de graça e salvação e marcam várias fases da vida espiritual e religiosa dos fiéis. A Igreja Católica celebra sete sacramentos, que são: Batismo, Eucaristia, Confirmação (ou Crisma), Reconciliação (ou Penitência), Matrimônio, Ordem e Unção dos enfermos. Nas igrejas evangélicas, os sacramentos, também chamados de ordenanças, são apenas dois: Batismo e Santa Ceia (Eucaristia).

Entretanto, mesmo perdendo o caráter de sacramento, o matrimônio e a confirmação, no âmbito das igrejas evangélicas, são eventos importantes que acompanham os crentes em todas as fases da vida religiosa.

No que tange à categoria sacramentos, as contribuições apresentadas pelos participantes da pesquisa foram:

É importante principalmente o sacramento do batismo que (*sic*) o Divino Espírito Santo nos ilumina para seguirmos na fé. Para nós, católicos, é importante seguir todos os sacramentos. É importante fazer tudo que está dentro da doutrina da igreja católica (FI 05).

Eu tenho fotografias do meu batismo, da dedicação dos meus filhos na igreja, de eventos, de festas. É bom para recordar, é gostoso relembrar os momentos e rever amigos que não estão mais com a gente. Eu tenho em meu arquivo vários registros. Eu guardo tudo e com isso vai construindo (*sic*) nossa história na igreja, na fé (FI 04).

São sacramentos que para nós são sagrados. É de Deus! Guardar isso é importante. No Batizado do Gabriel foi (*sic*) um momento tão emocionante. Tenho fotografias desses momentos é importante para passar a cultura religiosa da nossa família para os filhos (FI 02).

Nossas ordenanças têm um sentido parecido com os Sacramentos, temos a Santa Ceia, o Batismo. Que tem um sentido muito parecido. Celebrar os sacramentos é caminhar dentro da doutrina da Igreja (LR 04).

É possível compreender na fala dos partícipes que os ritos sacramentais constituem elementos fundamentais na vida do cristão. Merecem ser lembrados, evidenciados e, sobretudo, repassados para os filhos como forma de manutenção da cultura religiosa da família. O sacramento é, para esses fiéis, um ato ritual remetido para que os mesmos alcancem a graça de Deus e designado do mesmo modo a conferir sacralidade a determinados momentos da vida cristã. As falas a seguir evidenciam a importância dos sacramentos como ritos de passagem, em várias etapas da vida social e religiosa:

São eventos que marcam a vida social também, o nascimento de uma criança, e depois se consagrar esta criança a Deus, no Batismo. (...) Momentos da vida, como a eucaristia, quando o juvenzinho começa a entender melhor sua fé. (...) Depois, com 15 anos mais ou menos, com uma fé mais madura começa entender seu papel social para com os outros. Seu papel religioso para lidar com os outros. Começa a despertar as questões do mundo não só para si, mas para com os outros, aí vem o sacramento do Crisma. A crisma é o sacramento da maturidade cristã. Onde o cristão começa a se engajar para os outros e recebe também a força do Espírito Santo para isso. Para não ficar medroso e achar os meios mais adequados para transmitir a mensagem de Cristo (LR 02).

Com certeza guardo vários registros de momentos únicos vividos na igreja, especialmente os sacramentos. Essas imagens representam a minha caminhada de fé na vida cristã junto com minha família (FI 13).

Desde a criança... Quando a família traz a criança e o pastor apresenta o bebê à comunidade e todos tiram fotos. Sempre lembra (*sic*): aquele foi o pastor que apresentou meu filho à igreja! Depois vem o batizado, o aliançamento, o casamento e tudo é registrado. Depois o casal tem um filho e o novo bebezinho também é apresentado para a comunidade. Toda trajetória está ligada. O crente quer que o seu filho também tenha uma história dentro da igreja, com algum pastor acompanhando sua trajetória. (...) Como ele teve na sua vida de crente, ele deseja que o filho também tenha. Vai passando de geração a geração (LR 01).

Na maioria das vezes, os fiéis consideram os sacramentos como forças atuantes que afastam os perigos. Como sinais, os sacramentos supõem a fé e, ao mesmo tempo, alimentam as crenças e práticas religiosas de um determinado grupo. O significado e o poder dos eventos religiosos para os fiéis estão evidenciados nos documentos fotográficos, que constituem testemunhas de rituais que acompanham suas trajetórias no âmbito religioso, visto que as ações sacramentais envolvem etapas importantes na vida dos cristãos.

Susan Sontag (1986) colabora com essa abstração ao afirmar que a fotografia está ligada à vida cotidiana de uma sociedade, convertendo-se em reprodução da vida social, que ocorre inclusive no ambiente religioso.



Fotografia 1 – 1º Batismo da Igreja Batista em Ji-Paraná nas águas do Rio Machado em 1965 (IFRO, 2014).



Fotografia 2 – O maior Batismo da Assembleia de Deus em Ji-Paraná em 1979 (IFRO, 2014).

A Fotografia 2, produzida em julho de 1979, representa um momento histórico da igreja. Foi o maior batismo da Assembleia de Deus em Ji-Paraná até então, tendo 1.027 pessoas batizadas nas águas do Rio Machado. O local escolhido para a cerimônia foi no antigo Porto da Balsa, local também escolhido pelos membros da Igreja Batista, em 1965, para a realização do primeiro batismo na Vila, em destaque na Fotografia 1. Os batizados evangélicos dessas denominações são realizados em águas, com submersão ou mergulho, essa prática encontra-se representada nas palavras dos entrevistados:

O batismo é um ato de obediência e submissão a Cristo e um testemunho público de nossa fé cristã. Ao mergulhar nas águas o cristão sabe o seu compromisso (FI 06).

O evangelho nos fala dos sacramentos. O batismo é para que os pecados da gente sejam perdoados por Deus e para a gente ter o Espírito Santo dentro do nosso coração. Criança não tem pecado, e só batizamos nas águas depois que se arrepende dos erros (FI 10).

Não batizamos criança porque ela não tem consciência do pecado ainda. Só depois de um testemunho público de fé que batizamos nas águas (LR 04).

O ritual do batismo, na perspectiva dos entrevistados, está marcado pelo uso de termos carregados de valores dogmáticos, como: “obediência”, “pecado” e “testemunho”. Isso indica que, além de certa uniformidade no pensamento desses indivíduos acerca deste ritual sacramental, há também uma postura de aceitação das regras e dos conceitos difundidos por suas religiões. Nesse sentido,

as Fotografias 1 e 2 evidenciam, além do ritual sacramental, as relações de poder estabelecidas pelas instituições religiosas. Tais fotografias, como representações de determinados grupos sociais, remetem aos estudos de Roger Chartier (1990). Para ele, as representações sociais não são discursos neutros, são frutos de interesses específicos dos grupos sociais que disputam hegemonia política e discursiva em relação à interpretação correta de uma dada situação social. Dessas representações se originam estratégias e práticas sociais tendentes a impor determinado poder, fazer deferência ou legitimar escolhas.

O ato de testemunhar publicamente pressupõe que a ação requer a anuência de outros fiéis. A fala da entrevistada FI 10 faz referência à Bíblia, livro sagrado das igrejas cristãs e destaca não só a importância deste ato, mas também aponta onde o fiel buscou tal orientação. O livro sagrado, em Atos 2:38, diz: “[...] Arrependam-se e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para que os pecados sejam perdoados, e vocês receberão de Deus o Espírito Santo” (Bíblia Sagrada, 1982).

Na fé popular dos católicos, acredita-se que a criança batizada tem mais chances de sobrevivência. Este sacramento (Batismo) na Igreja Católica, diferentemente das igrejas evangélicas, para as quais ele tem a função de iniciar o indivíduo na vida cristã, capaz de promover uma mudança no *status* religioso do indivíduo, ocorre, na maioria das vezes, durante os anos iniciais da infância.

Percebemos que os batismos, apesar de serem atos/benefícios individuais, sempre são acontecimentos coletivos, em função de uma coletividade. Os pais, os padrinhos, os sacerdotes e a comunidade glorificam esses momentos, pois representam, acima de tudo, a continuidade e a disseminação das crenças.

Assim como os batismos, a preparação dos fiéis para a vida cristã por meio da catequese e das escolas dominicais (Fotografia 3), bem como à Primeira Comunhão e a Crisma (Fotografia 4), são ritos que legitimam a fé e fazem com que os indivíduos vençam o medo e criem a coragem para enfrentar o desconhecido, sendo, portanto, condicionantes e essenciais para a estabilidade da estrutura social, moldando a maneira de viver dos fiéis.



Fotografia 3 – Escola Bíblica de férias da Igreja Batista, 1964 (IFRO, 2014).

Na fotografia 3, observamos a formação bíblica dos primeiros integrantes da 1ª Igreja Batista de Ji-Paraná, no ano de 1964. O estudo da Bíblia era realizado debaixo de uma mangueira, com nenhum conforto, constatando as marcas dos anos iniciais da colonização do município, marcados pela falta de estrutura e precariedade, comuns naquele período. Notamos a presença de alguns adultos e jovens em meio a uma maioria de crianças, denotando que os valores religiosos e os dogmas se fundamentavam já na infância, estabelecendo-se por toda a vida religiosa do indivíduo.



Fotografia 4 – Sacramento da Crisma, realizado por Dom Antônio Possamai em 1993 (IFRO, 2014).

A mesma situação é percebida na Fotografia 4, na qual visualizamos o sacramento da Crisma, transmitido aos jovens e aos adolescentes por Dom Antônio Possamai, em 1993, na Igreja Católica São José. Do início da catequese, com aproximadamente 7 anos de idade, até o momento da cerimônia de Crisma, no qual o adolescente, com 14 ou 15 anos em média, recebe o sacramento, há uma preparação doutrinária para assimilação dos valores religiosos, que, em conjunto com práticas sociais, colaboram para a formação dos indivíduos e fortalecem os laços identitários.

Nos documentos fotográficos, também observamos o sacramento do Matrimônio, acontecimento fundamental na vida dos fiéis e, sendo tão substancial, requer registros, principalmente, visuais. O encontro entre dois membros da igreja no Matrimônio sempre foi considerado um elemento básico da existência espiritual. Os próprios dogmas do cristianismo contribuem historicamente para a conservação e a persistência de uma proposta moral, social e jurídica sobre a vida privada e também sobre o casamento.

O catolicismo, intimamente ligado ao passado brasileiro, mantinha-se presente no convívio social, mesmo que não oficializado com o regime republicano, servindo como padrão ético e estético, estabelecendo conexões, até mesmo, com a legislação e política. Basta lembrar o reconhecimento da equivalência do casamento no religioso e no civil, presente na Constituição de 1934, onde “qualquer confissão religiosa, cujo rito não contrarie a ordem pública ou os bons costumes, produzirá, todavia, os mesmos efeitos que o casamento civil” (art.146 § 1).



Fotografia 5 – Enlace matrimonial religioso católico em 1971 (IFRO, 2013).

A Fotografia 5, revelada a partir de um monóculo antigo, foi capturada em 4 de setembro de 1971, no momento em que Elisa Pego assinou o livro matrimonial, oficializando seu casamento religioso com Amaurindo Raymundo, na Igreja Dom Bosco em Ji-Paraná. Conforme relato de Elisa Pego, tratava-se de um casamento entre imigrantes. Ele proveniente do Estado do Rio de Janeiro e ela do Estado do Paraná. Havia um forte movimento migratório para Rondônia à época e Ji-Paraná era uma das cidades que mais recebiam imigrantes.

Nosso olhar sobre tais representações fotográficas apresentam uma compreensão simbólica, percebemos que, em meio ao ambiente religioso, os indivíduos experimentam práticas comuns à vida, como, por exemplo, o casamento, e transformam esta realidade em algo transcendente, divino. Miriam Moreira Leite, ao se propor analisar fotos matrimoniais presentes nos álbuns de família, destaca que o retrato do casal é parte insubstituível nas cerimônias de casamento. A autora diz que tais registros “compreendem significados e interdições tendentes a fixar na memória coletiva a lembrança da cerimônia” (Leite, 2001, p. 111). Podemos inferir que os sacramentos são, sobretudo, ritos que legitimam os seguidores a usufruir de direitos e deveres do novo *status* religioso que se conquistou e, além disso, também significam um compromisso frente aos membros da sociedade. Mas cabe lembrar que nossa vida secular também está repleta de rituais. Ocorrem ritualizações na universidade, no Estado, nas forças armadas, enfim, basta rememorar os cabelos raspados dos

novatos ou calouros do Exército e da Universidade ou mesmo os juramentos nas solenidades de ingresso no Serviço Público. Assim, as crenças religiosas, que constituem representações humanas, formam um campo simbólico repleto de objetos e ideias, classificadas conforme Durkheim (1989) em sagradas e profanas. São, contudo, os valores decorrentes das relações entre o sagrado e o profano que delimitam o campo moral formador das regras e condutas e dos ritos, delineando a identidade cultural.

A teoria de Halbwachs (2006) apresenta o argumento de que os grupos sociais produzem uma memória particular do passado e que tal memória representa o sentimento de identidade desse grupo, o qual, de modo geral, distingue-os de outros ajuntamentos sociais. Isso significa dizer que a identidade cultural é marcada pela diferença, razão pela qual a diversidade é primordial para a manutenção das culturas.

Nessa linha de pensamento, Pierre Nora considera importante para a compreensão dos elementos culturais, o respeito ao passado e ao sentimento de pertencimento de um determinado grupo social. Para o autor, “a memória emerge de um grupo que ela une, significando que há tantas memórias quantos tantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.” (Nora, 1993, p. 9)

Neste sentido, os indivíduos se conhecem e se reconhecem por meio de condutas e práticas religiosas continuamente presentes em lembranças de fatos passados, de objetos e coisas, por tantas vezes armazenadas em registros fotográficos e que os identificam socialmente. Portanto, as fotografias que registram sacramentos preservam ativa a memória dos fiéis e, como resultado, nutrem a identidade cultural dos grupos sociais aos quais eles pertencem.

3. Festas e Cerimônias

Além dos Sacramentos, as instituições religiosas promovem festas e cerimônias dedicadas a reafirmar a fé dos seguidores. Tais cerimônias são efetivadas de variadas formas, com objetivos específicos e contribuem, essencialmente, para a formação das pessoas, elaborando conhecimentos e ampliando as representações. Os participantes da pesquisa, na maioria das entrevistas, relatam que as festas e as cerimônias são momentos de interação e

socialização. Na fala de determinados participantes, identificamos elementos de convívio e associação entre os indivíduos que estão ligados pela religiosidade.

Eu gosto de levar meus filhos para as festas religiosas, sempre levei. O Pentecostes, as cerimônias para Nossa Senhora Aparecida, que é nossa padroeira. A gente vai em tudo para mostrar para eles o caminho da fé (FI 05).

Participar de eventos e festas religiosas é motivo de alegria. É estar junto de Deus em união com a comunidade (FI 13).

Eu creio que um evento religioso não é só a igreja local. Assim, ele tem uma ideia do todo. Eles vêm a um evento com cinco mil, dez mil e vê a importância da sua igreja e percebe (*sic*) que faz parte de algo maior que só a comunidade que ele frequenta. Todos os eventos são importantes e fazem com que os crentes se socializem e confirmem sua fé (LR 01).

Uma festa do padroeiro não é só uma festa religiosa, geralmente é muito mais uma festa social que religiosa. Há uma necessidade de se encontrar, porque é daí que surgem bons casamentos, que surge o intercâmbio e assim por diante. Então, é misturado, a gente não pode dividir assim em gavetas, o religioso, o social, o cultural, tudo é ligado um ao outro (LR 02).

A igreja tem sua tradição e aqui em Ji-Paraná é uma cidade relativamente nova. É uma cidade migratória, aonde (*sic*) várias pessoas de várias regiões vieram para cá. Essas pessoas trouxeram com eles suas crenças que auxiliaram a formação religiosa da cidade. Os eventos que temos feito têm criado tradição (LR 03).

Esses eventos ajudam a nos renovar, fortalecer na fé. Às vezes a gente, sozinho em casa, tem uma espiritualidade, mas quando a gente se encontra com outras pessoas que têm as mesmas crenças, a mesma fé, os mesmos objetivos, a gente se fortalece, um ajuda o outro e vai seguindo a caminhada. Fica muito mais fácil, quando a gente está em grupo que sozinho, ilhado (FI 04).

Analisando a fala dos depoentes, constatamos, de modo amplo, que, na práxis religiosa, as pessoas sustentam uma natureza simbólica. Assim, para conviverem em sociedade, serão persuadidos ou condicionados pelos rituais no ambiente onde convivem. O ser humano é por natureza um ser social que preza pela convivência, dessa forma, o ambiente religioso torna-se um espaço propício para interação. Durkheim (1989) afirma que os ritos nascem nos grupos que, por sua vez, mantêm ou recriam ideias atreladas à religiosidade. Ainda segundo o autor, os ritos traduzem necessidades humanas aplicadas à vida social:

Por mais simples que seja o sistema que estudamos, nós reencontramos nele todas as grandes ideias e todas as principais atitudes rituais que estão na base das religiões mais avançadas: distinção das coisas em sagradas e profanas, noção de alma, de espírito, de personalidade mítica, de divindade nacional e mesmo internacional, culto negativo com as práticas ascéticas que são

sua forma exasperada, ritos de oblação e de comunhão, ritos imitativos, ritos comemorativos, ritos de expiação. Aqui nada falta de essencial. (Durkheim, 1989, p. 221)

Verificamos, neste estudo, que os fiéis, ao frequentar a missa ou o culto, estão assumindo os rituais praticados na igreja como uma narrativa repetitiva, que reforça a memória de quem compartilha desse ritual. As imagens que seguem são reflexos desse pensamento.



Fotografia 6 – Procissão Católica em Ji-Paraná em 1967 (IFRO, 2013).

Na Fotografia 6, vemos uma Procissão Católica de inauguração da Igreja Matriz de Ji-Paraná, em 1967, cedida por Zilda Almeida Ferreira, que migrou do Sul do país para a região em 1963. Nela, observa-se que os fiéis marcham em procissão por uma rua da cidade com pouca infraestrutura, exibindo nas vestimentas simplórias e nos pés descalços as marcas da pobreza, sinais de tempos remotos do início da colonização, que revelam cenas de dias difíceis. A fotografia retrata também a importância da religião como evento cultural e antropológico. A beleza da imagem está no gesto, na intenção da captura desse momento, na crença. Apresentam-se a fé e a devoção como fonte de força e de inspiração diante das precariedades vigentes. O casarão evidenciado na Fotografia 6, feito em madeira, com assoalho alto e telhado revestido de folhas do bacuri, pertencia a Volmar Meira, conforme declaração de Zilda Almeida Ferreira. A maioria das casas tinham características similares, o que nos leva a concluir

que os colonos viviam em acomodações simples, com pouca ou nenhuma posse. Verifica-se também ausência de saneamento básico. Em face dessas precariedades, a fé constituía-se um clamor ao Divino por melhorias e bênçãos. O registro imagético revela como grande parte da população se relacionava com o Divino. A fotografia nos remete à cultura e à história em que a sociedade está refletida por meio de elementos visuais.



Fotografia 7 – Inauguração da Igreja Assembleia de Deus, 1979 (IFRO, 2014).

Nos documentos fotográficos que serviram de base para este estudo, o fervor religioso constitui um elemento fundamental na compreensão da identidade dos crentes. Exemplo disso está revelado na Fotografia 7 produzida no último domingo de julho de 1979, dia em que foi inaugurado o templo da Igreja Assembleia de Deus. O grande número de fiéis evidenciado nas fotografias denuncia o ímpeto dos indivíduos. Notamos também que as fotografias que versam sobre a temática da religiosidade estão, na maioria das vezes, relacionadas a eventos do mesmo universo, tais como festividades natalinas, festa do padroeiro, procissões, finados etc.

Para Pierre Bourdieu (1983), esses eventos constituem práticas de representações. Segundo ele, tais práticas podem ser denominadas de cultura, ou *habitus*³. Bourdieu define *habitus* como um sistema de estruturas interiorizadas e como condição de toda objetivação. Equitativamente, como representação, a fotografia não pode ser separada do ato que a fundamenta, de

forma que também se fundamenta num *habitus*. Na dimensão de indício e de resquício, a fotografia é sempre uma presença. Não supre a experiência vivida, mas, a cada fotografia produzida, uma nova experiência se constitui.

Nesta categoria, encontramos também várias fotografias relacionadas às práticas de conversão dos povos indígenas da localidade, por esta razão julgamos pertinente entender o contexto histórico em que ações missionárias foram aplicadas. No período dos anos 1960, o discurso nacionalista, fortalecido pelo regime militar, compelia a integração da Amazônia sem levar em consideração os custos sociais e as condições econômicas dos colonos, que eram forçados pelas regras cruéis do capitalismo a ocuparem a região. A esse respeito Valdir A. Souza, na sua tese de doutorado intitulada “Rondônia: uma memória em disputa”, diz:

Na ótica militar era necessário integrar a região atrasada *a qualquer preço* ao centro-sul industrializado. No período alguns bordões justificavam a política integracionista, “Integrar para não entregar” e “*Terra sem homens para homens sem terra*” eram os mais reproduzidos no Território de Rondônia. (Souza, p.18, grifo nosso)

Esse *a qualquer preço* nos remete às comunidades indígenas que habitavam a região e evidencia o equívoco dos governantes militares em classificar as terras de Rondônia como uma *terra sem homens*. Pelo contrário, a presença indígena na Amazônia é milenar e, no município de Ji-Paraná, predominam ainda hoje as etnias Gavião-Ikolen, Arara-Karo e Zoró. Entretanto, os interesses dos governos militares na região ignoravam essas comunidades de homens da terra. Nesse contexto, a religião, acompanhada de seus ritos, também constituiu um mecanismo de dominação étnico-cultural e de controle dos povos da floresta. A evangelização dos povos indígenas desprezava seus costumes, atuando sempre no sentido de destruir sua cultura, utilizando o evangelho para justificar a exploração.

De acordo com Felzke (2014), ao se tornar cristão, o indígena passava basicamente a incorporar outra forma de comportamento, abrindo mão de suas danças, suas músicas, seus ritmos, seus instrumentos musicais, sua forma de vestir e de se portar.



Fotografia 8 – Ação missionária na Aldeia Gavião (IFRO, 2013).

Na Fotografia 8, observamos que os indígenas retratados se encontram na presença de missionários, trajando roupas e aparentando uma adaptação mais acentuada aos costumes ocidentais. Alguns seguram nas mãos uma cartilha, que, provavelmente, continha os dogmas cristãos, com traduções do evangelho para a língua indígena. A foto foi tirada pelo missionário Horst Stute, em frente à Primeira Igreja Missionária na Aldeia Gavião, por volta de 1970, conforme declaração do senhor Crispim Bispo Reis dos Santos, que nos forneceu a fotografia para análise. Horst Stute, missionário alemão, que com sua esposa Annette Stute (presente na fotografia, segurando uma criança), trabalhou por quarenta e três anos entre os índios Gavião.

Embora a presença missionária retratada nas fotografias seja relativamente recente, a prática do uso da religião como mecanismo de dominação étnico-cultural no Brasil, e, sobretudo na Amazônia, data do período colonial. Como narram, *Egon Heck, Francisco Loebens e Priscila D. Carvalho* no artigo *Amazônia indígena: conquistas e desafios*:

A participação da Igreja no processo, que teve nos jesuítas sua atuação mais marcante, presa à Coroa portuguesa pelo regime do padroado e movida pela missão de converter os índios ao cristianismo, foi incapaz de perceber o valor das culturas e, portanto, o projeto histórico desses povos. Mesmo assim, muitos missionários foram perseguidos, presos e expulsos porque denunciaram a violência e a injustiça praticadas contra os índios. (Heck, Loebens e Carvalho, 2005, p. 239)

É oportuno lembrar o pensamento que permeava as organizações militares do país, que defendiam a ideia de que os índios seriam adequados para a defesa das fronteiras do país e, portanto, precisavam ser catequizados, disciplinados. O artigo: “*Amazônia indígena: conquistas e desafios*” (2005) apresenta o pensamento do brigadeiro Protásio Lopes que, em 1979, fortalecia um discurso segundo o qual os índios eram considerados como *quistos étnicos*⁴ e uma ameaça à segurança nacional. Portanto, ações de cristianização dos povos indígenas eram incentivadas pelos governos militares a fim de subsidiar os interesses na região. Os documentos fotográficos indicam que em Ji-Paraná não foi diferente.

Na fotografia, percebem-se as normas culturais que se deseja inculcar e que, de acordo com as expressões utilizadas por Ulpiano Bezerra de Meneses (2003), foram os eleitos dentro de um repertório de imagens simbólicas de poder, como aqueles que mereciam ser vistos e divulgados. Nas *entrelinhas da imagem*⁵ está a afinidade entre um projeto republicano, militar e de cultura cristã que oportunamente se fez presente no discurso textual que acompanha a Fotografia 8. Os conceitos morais intrínsecos à religião determinam condutas que são seguidas pelos fiéis fervorosamente. Como lembra Cornelius Castoriadis:

Religião, esta instituição tão importante em todas as sociedades históricas. Ela sempre comporta (não discutiremos aqui os casos extremos) um ritual. Consideremos a religião mosaica. A definição de seu ritual do culto (no sentido mais amplo) comporta uma proliferação sem fim de detalhes; esse ritual, estabelecido com muito mais detalhes e precisão do que a Lei propriamente dita, decorre diretamente de mandamentos divinos e por isso aliás todos os seus detalhes são colocados no mesmo plano. (Castoriadis, 1982, p. 142)

Hannah Arendt (1997) alerta que a condição humana diz respeito às maneiras de existir que o homem estabelece para garantir a sobrevivência. São condições que compõem a existência do homem e que variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem está inserido. Partindo desse princípio, os homens tendem ser condicionados e até mesmo aqueles que condicionam os hábitos e costumes de outros podem se tornar condicionados pelo inerente ato de condicionar. Assim, há condicionamento duplo, seja pelos próprios atos fundamentados a partir do que pensamos, seja pela conjuntura histórica e cultural.

Karl Marx (1977) considera que os indivíduos, ao serem analisados por suas crenças religiosas, devem ser inseridos nos contextos de suas condições sociais, porque produzem sua existência coletivamente. Para ele, existem condicionantes estruturais que levam os grupos e as classes para determinados caminhos, mas o indivíduo tem potencial para reagir aos condicionamentos impostos e transformá-los. Em suas palavras: “a religião hipnotiza os homens com a falsa superação da miséria e assim destrói sua força de revolta” (Marx, 1977, p.127). Dessa forma, segundo ele, a religião age como calmante, como o “ópio do povo”.

Vemos, no discurso positivista de Araújo Lima (1975), o quanto à religião pode ser um fator condicionante, ainda mais se ligada aos interesses políticos e camuflada no conceito de nação:

O progresso étnico e psíquico de dada raça, ou melhor, de cada nacionalidade, não decidirá da sorte de sua civilização. Não mais prevalecerá a cultura que se não apoiar em sã moral; mas a sã moral política não poderá ser senão uma superestrutura, arquitetada sobre a base de uma *moral religiosa*, intrinsecamente integrada à consciência de nação. (Lima, 1975, p. 38, grifo nosso)

Contudo, entendemos que embora a religião tenha sido, em variadas situações históricas, utilizada como elemento de condicionamento e de manutenção da ordem social, há também situações de ordem cultural que foram reforçadas pelo componente religioso que possibilitou interação entre os indivíduos, superação de problemas e formação identitária.

Dessa maneira, as fotografias nos levaram ao entendimento de que a associação da cidade de Ji-Paraná com a religiosidade cristã se deu desde os momentos iniciais de sua fundação, tanto no período de extração do látex como na exploração de diamantes e na submissão dos povos indígenas, quando os loteadores da cidade colocaram a colonização como uma obra patriótica, abençoada por Deus. Nessa perspectiva, os agentes condicionantes que promoveram e reforçaram a prática religiosa dos colonizadores também foram promotores das ações políticas, sociais e econômicas que estão retratadas nos documentos fotográficos apresentados neste estudo.

Podemos inferir que o comportamento humano, desse modo, é determinado por paradigmas pré-estabelecidos socialmente, por meio das práticas e das condutas dos antepassados. Assim, as práticas religiosas,

marcadas por rituais e cerimônias carregam em si elementos já instituídos por gerações anteriores. Para o estudioso Berger (2004), até mesmo nas sociedades onde há grande liberdade de escolha, as influências do passado estabelecem limites aos indivíduos. Na maior parte das circunstâncias, os indivíduos se deparam com ações sociais previamente instituídas, normas e leis já construídas. Por conseguinte, a religiosidade dos grupos sociais constitui princípios norteadores da vida dos indivíduos.

4. Ações Sociais

Este estudo apoia a ideia de que "(...) a cidade, é por excelência, o 'lugar do homem', ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados" (Pesavento, 2002, p. 9). No contexto do município de Ji-Paraná, as igrejas são lugares para além da função principal – rezar –, são ambientes religiosos que documentam o passado, espaços culturais e sociais que demarcam a identidade. Nas igrejas, os fiéis encontram mais que o fervor religioso, recebem conjuntamente, assistência emocional, espiritual e, por vezes, material. Aprendem, sobretudo, a ver o outro.

Segundo Pierre Nora, instituições como a igreja constituem "lugares de memória". Para ele "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo" (Nora, 1993, p. 9). Nesse sentido, os documentos fotográficos, ora apresentados, ao remeter a memória de locais e de práticas religiosas, indicam caminhos para a compreensão histórica e cultural.

No desenvolvimento deste estudo, verificamos que, impelidos pelo pensamento cristão de caridade, vários sujeitos ligados às instituições religiosas de Ji-Paraná guardavam em álbuns particulares documentos fotográficos que notabilizam práticas de assistência ao próximo, sobretudo, aos mais desfavorecidos. Assistências essas que não visam aparentemente a interesses pessoais ou a recompensas materiais. Em alguns casos, ocorreram relatos que indicam essas ações:

A nossa fé nos ensina também a ajudar a quem precisa, um enfermo, uma família carente, pessoas que precisam de ajuda (FI 05).

Temos projetos na área social. Montamos um consultório médico que atende às gestantes e faz preventivos e acompanha não só a mãe, mas também a criança. É destinada aos menos favorecidos, até mesmo aqueles que não frequentam nossa igreja. E todos os fiéis que podem ajudar de alguma forma colaboram com essa ideia, seja com palestras, orientações, acompanhamentos, arrecadação de donativos, essas coisas (LR 04).

Temos um trabalho de musicalização nas periferias (...) um grupo de mais de 120 crianças que já estão tocando flauta e violão e são ensinados (*sic*) por pessoas da igreja que não cobram para ensinar (...) Isso tira as crianças da rua e traz para igreja (LR 01).

Nós chegamos a construir uma igreja dentro do presídio, lá no semiaberto. Já tem 20 anos que a gente orienta os detentos. Quando ele sai (*sic*), a gente dá assistência para eles se reintegrarem-se à sociedade. Há muitos libertos reintegrados que seguem nossa igreja (LR 01).

Nós entendemos que temos que fazer as obras. A fé sem obras é morta. Conforme a necessidade, atendemos nossos fiéis com cesta básica, remédios e ajudas de forma geral (LR 05).

Percebemos na fala dos entrevistados que as ações sociais constituem elementos integradores à sociedade. A busca por estratégias que minimizem impactos sociais é produzida com base na religiosidade. Mas também deixa evidente que as ações de solidariedade e de assistencialismo são mecanismo para adesão de novos fiéis ao projeto religioso das instituições.



Fotografia 9 – Pastoral da Criança, 1991 (IFRO, 2013).

O projeto da Igreja Católica denominado Pastoral da Criança⁶, evidenciado na Fotografia 9, buscava orientar e acompanhar as famílias em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania, visando ao desenvolvimento integral das crianças. Na Fotografia 9, produzida em 1991, observamos a presença de crianças com os braços elevados em momento de descontração. O encontro evidenciado na fotografia acontecia com frequência mensal e, nele, as crianças eram avaliadas por um grupo de senhoras católicas, sobre orientação das freiras da Comunidade Católica São José, que conferiam o peso das crianças a fim de identificar sinais de desnutrição. Os participantes sempre eram recepcionados com lanches nutritivos e as mães recebiam orientações e suplementos alimentares caseiros que reforçavam a dieta dos filhos.

Outro exemplo pode ser observado no projeto de musicalização da Igreja Assembleia de Deus, representado pela Fotografia 10, que, por meio da música, busca retirar das ruas crianças e adolescentes em condição de risco e conduzi-las ao ambiente religioso. A imagem destaca crianças tocando flauta doce, uniformizados com camisetas que representam o projeto desenvolvido pela igreja.



Fotografia 10 – Apresentação de crianças do projeto de musicalização da Igreja Assembleia de Deus, 2013.

A apresentação ocorreu nas dependências da Igreja Assembleia de Deus, do bairro Casa Preta, e contou com a presença de pais e de parentes das crianças. Entendemos que ações sociais dessa natureza, além de promover a

integração dos sujeitos envolvidos também possibilita a adesão de novos fiéis ao projeto evangelizador da igreja.

Tanto a educação musical, promovida pela Igreja Assembleia de Deus, como os cuidados com a nutrição, promovido pela Pastoral da Criança tendem a promover o interesse dos envolvidos em fazer parte dessas instituições como sinal de agradecimento pelos benefícios recebidos. Nesse contexto, observamos que a caridade é propagada como um dever cristão, que evidencia um caráter nobre e bondoso. Para os fiéis, as ações humanitárias levam os indivíduos a terem sentimentos e virtudes merecedoras de reconhecimento diante de Deus e, também, socialmente aceitas.

Contudo, cabe lembrar, que historicamente a Igreja Católica, para manter sua hegemonia na sociedade medieval, difundiu a prática da caridade por meio de um discurso repetitivo e moral, que perdura até os dias atuais, objetivando o controle e a harmonia entre os variados seguimentos sociais, evitando, com isso, a deflagração de revoltas e conflitos daqueles que viviam na pobreza. De certa forma, o discurso religioso, somado a práticas de caridade, carrega determinada crítica à realidade, uma vez que funções políticas de ordem social são efetuadas nas comunidades por intermédio das igrejas. Ações voluntárias dos fiéis vêm promovendo inovações e variados trabalhos junto à população carente, muitas vezes, desempenhando atribuições pertinentes à administração pública, mas que permitem, mormente, a socialização entre os munícipes.

A edificação de capelas e templos também são oportunidades para o voluntariado. Mutirões unem vários fiéis que doam a força de trabalho para o bem comum do grupo religioso. A Fotografia 11, cedida e descrita pelo pastor Sadraque Muniz e que compõe o acervo da Igreja Assembleia de Deus, mostra os trabalhadores momentos antes do lançamento da pedra fundamental da Igreja Central da congregação em 1976. Na ocasião, houve uma celebração na qual se cavou um buraco e, em uma caixa de concreto, foram colocados os registros do momento. O trabalho exercido pelos indivíduos presentes no documento fotográfico foi voluntário e não remunerado.



Fotografia 11 – Fiéis preparando o terreno onde seria construída a Igreja em 1976 (IFRO, 2014).

Este tipo de ação social também está evidenciado na Fotografia 12, referente à construção do templo da comunidade católica Santa Perpétua, do bairro Aurélio Bernardi, em setembro de 2000. Na imagem, os trabalhadores posam para a foto a fim de registrar a construção do templo.



Fotografia 12 – Construção da Comunidade Católica Santa Perpétua, 2000 (IFRO, 2014).

Percebemos que as ações sociais no ambiente religioso constituem mecanismos de convívio, que fortalece a construção da identidade cultural. Ela é fruto da interação entre as pessoas, dentro de um universo cultural, de um espaço territorial e com valores que foram formados ao longo do tempo e que estão em constante processo de transformação. Segundo Stuart Hall, “os aspectos de nossas identidades surgem do nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (Hall, 2003, p. 8).

Considerações finais

A concepção de cultura e o entendimento das normas ligadas ao meio religioso são complexas e heterogêneas, mas substanciais para entender a progressiva dinâmica social que se materializa entre os indivíduos. Desse modo, ao investigarmos a religiosidade afirmada nas representações fotográficas de eventos religiosos que ocorreram no município de Ji-Paraná, notabilizamos um código de conduta e de práticas que caracterizam e expressam a identidade cultural de um grupo de sujeitos relacionados por religiões cristãs.

Percebemos que, por meio da religiosidade, as pessoas se reconhecem, identificam-se com simbologias comuns, incorporadas em costumes e tradições que remetem a um modo de vida singular. A relação estabelecida entre religiosidade e identidade cultural está implícita na existência do grupo. Assim, a igreja, enquanto instituição, é um elemento presente no cotidiano dos habitantes do referido município, atuando também como recurso para delimitações políticas, sociais e econômicas. Contudo, não podemos deixar ocultos os interesses econômicos e políticos que constituíram os domínios territoriais em solo amazônico. A obediência religiosa foi também um componente disciplinador das relações sociais, a fim de garantir a implementação de tais interesses.

Certificamos que as entrevistas aplicadas foram condizentes com a pesquisa, expressaram a realidade, os sentimentos e as experiências de fé que refletem o pensamento dos fiéis. Há, na constituição das instituições religiosas que analisamos, espaços de tradição e de história que estão inseridos no imaginário dos fiéis. As ações promovidas pelos crentes no ambiente religioso colaboram para o fortalecimento da ideia de pertencimento, além de ser também uma estratégia de controle social e de manutenção da fé entre os cristãos.

Este estudo revelou uma possibilidade de pesquisa proveniente dos álbuns familiares detentores de um potencial de fonte de pesquisa incalculável. É também necessária a valorização da memória presente nos documentos fotográficos por parte das instituições públicas, no sentido de levantar e de reproduzir as imagens históricas do cotidiano dos munícipes e, a partir delas, organizar um acervo que preserve a identidade cultural que está intrínseca à saga daqueles que colonizaram o município e promoveram o desenvolvimento observado nos dias atuais.

Ao finalizar este trabalho, é fundamental destacar que não pretendíamos esgotar o assunto nas argumentações apresentadas e, por isso, recomendamos que futuros trabalhos possam dar continuidade à presente pesquisa de forma a destacar a relevância dos documentos fotográficos como mecanismo de informação para a compreensão histórica e cultural e investigar a religiosidade como elemento de formação, de controle e de manutenção social.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1997
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982
- BARTHES, R. *A câmara clara: notas sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2004.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BOURDIEU, P. *Sociologia*. (Org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *Poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- BRASIL. Presidência da República. Constituição (1937). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 24 jul. 2014.
- CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. Textos, Impressões, Leitura. In: *L. Hunt: A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

_____. *Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1995.

DUBOIS, P. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1994.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FELZKE, Lediane F. *Deus e Zagapóhj na terra dos Gavião: um encontro de cosmologias e seus desdobramentos*. Projeto de doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília, UNB, 2014.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Unesco, 2003.

HECK, E. , LOEBENS F. E CARVALHO, P. D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. *Estud. av.*, Abr. 2005, v. 19, n. 53, p. 237-255.

IFRO – Instituto Federal de Rondônia. *A imagem vale mais que mil palavras*. Banco de imagens fotográficas do projeto de pesquisa PIBIC EM: A fotografia no Ensino de História. 2013. Fotografias.

_____. *A imagem vale mais que mil palavras*. Banco de imagens fotográficas do projeto de pesquisa PIBIC EM: Fatos e Fotos. 2014. fotografias.

KOSSOY, B. *Realidades e ficção na trama fotográfica*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. *Fotografia & História*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, A. *A Amazônia, a terra e o homem*. Col. Brasiliana, vol. 104, São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1975.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

MENESES, U. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares: o ofício do historiador. *Revista Brasileira de História*, 2003, p. 11-36.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL. Nisto cremos. Disponível em: <http://novastribosdobrasil.org.br/quem-somos/nisto-cremos>. Acesso em: dez. 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993, p. 12.

OLIVEIRA, M.C.A, BUENO, J. L.P. e MOSER, L.M. Fotografia e Religião: a construção imagética como mecanismo de significação cultural na memória de Ji-Paraná/RO. *Revista Labirinto*, Porto Velho-RO, Ano XV, v. 22, 2015, p. 336-360.

PANOFSKY, E. *Singnificado nas artes visuais*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 132p.

SILVA, Edna e MENEZES, Estela. *Metodologia de pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2001.

SONTAG, Susan. *Ensaaios sobre fotografia*. Lisboa. Dom Pixote, 1986.

SOUZA, Valdir Aparecido de. *Rondônia, uma memória em disputa*. Tese (Doutorado em História) UNESP – Assis, 2011.

¹ O artigo é parte resultante da dissertação de mestrado intitulada: “Fotografia e memória: a influência da religiosidade na identidade cultural no município de Ji-Paraná/RO”. O estudo foi dividido em três categorias: Templos, Eventos (abordado neste artigo) e Líderes Religiosos. Orientação: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno, Universidade Federal de Rondônia, 2015.

² *Punctum* e *Studium* são conceitos elaborados por Roland Barthes no livro “A câmara clara”, 1908. Essa obra é um clássico da teoria fotográfica. O *Punctum* figura, juntamente com o *Studium*, o dualismo que guia o interesse pelo documento fotográfico. Ou em outras palavras: o objetivo (*Punctum*) e o subjetivo (*Studium*).

³ Nas palavras de Bourdieu, *habitus* é “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas” (Bourdieu, 1983, p. 65).

⁴ As construções de grandes obras após o golpe civil-militar de 1964 (estradas e desmatamento de áreas para a criação de grandes latifúndios para pecuária) se espalharam pela região amazônica e, na rota desses projetos, muitos povos com suas terras passaram a ser tratados erroneamente como obstáculos para o desenvolvimento.

⁵ Toda fotografia permite interpretações e inferências que recebem influências diante de características culturais e ideológicas, pois são representações passíveis de análises e pontos de vista. No estudo em questão, a leitura iconológica e iconográfica suscita a influência religiosa cristã na construção de identidade cultural, no município de Ji-Paraná – RO.

⁶ Pastoral da Criança é uma organização de ação social vinculada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que tem como objetivo a promoção do desenvolvimento de crianças entre zero e seis anos de idade em seu ambiente familiar e em sua comunidade. A sua atuação tem caráter ecumênico, atendendo pessoas de todos os credos e etnias.

Recebido em 10/04/2016, revisado em 20/05/2016, aceito para publicação em 23/06/2016.